

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES
DEPARTAMENTO DE RELAÇÕES PÚBLICAS, PROPAGANDA E TURISMO

EDUARDA FEDERICI OLIVEIRA

**AQUI JAZ A COMUNICAÇÃO TRANSCENDENTAL:
um estudo sobre os cemitérios como meio de comunicação e seu futuro na
Internet de Todas as Coisas**

SÃO PAULO
2022

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES
DEPARTAMENTO DE RELAÇÕES PÚBLICAS, PROPAGANDA E TURISMO

EDUARDA FEDERICI OLIVEIRA
Nº USP: 10742894

**AQUI JAZ A COMUNICAÇÃO TRANSCENDENTAL:
um estudo sobre os cemitérios como meio de comunicação e seu futuro na
Internet de Todas as Coisas**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo para obtenção de título de Bacharelado em Comunicação Social com habilitação em Relações Públicas.

Orientador: Prof. Dr. Luli Radfahrer

SÃO PAULO
2022

EDUARDA FEDERICI OLIVEIRA

**AQUI JAZ A COMUNICAÇÃO TRANSCENDENTAL:
um estudo sobre os cemitérios como meio de comunicação e seu futuro na
Internet de Todas as Coisas**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo para obtenção de título de Bacharelado em Comunicação Social com habilitação em Relações Públicas.

São Paulo, ____ de _____ de ____.

BANCA EXAMINADORA

Julgamento: _____

Assinatura: _____

Julgamento: _____

Assinatura: _____

Julgamento: _____

Assinatura: _____

SÃO PAULO

2022

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a todos aqueles com quem tenho o prazer de compartilhar essa vida. Ao lado de vocês eu morreria feliz.

IN MEMORIAM



Juca (2007-2021)

Meu gato e eterno companheiro de vida.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente gostaria de agradecer à minha mãe, Jacira, que é minha companheira de vida, que leu e releu este trabalho para me ajudar nas pequenas vírgulas e que com toda certeza é a única pessoa desse mundo que entende o quanto isso representa pra mim. Se não fosse por todas as oportunidades, incentivo e apoio eu não estaria entregando este trabalho após 5 anos estudando na Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo.

Ao meu pai, Ronnie, que me deu a vida, não só literalmente também me fez enxergar como a vida é um dia que vale a pena viver. Graças a ele pude trabalhar com cemitérios, conhecê-los e entendê-los de perto. Se não fosse pelas longas conversas que temos, eu não saberia metade do que sei sobre cemitérios e sobre a vida.

Com a minha mãe aprendi o amor pela linguagem, pela comunicação e pela cultura. Com o meu pai aprendi o amor pelas pessoas, pelas suas histórias de vida e pela própria vida. Tanto eu quanto este trabalho somos fruto da influência de ambos.

Ao meu padrasto, Tiago, que teve fé em mim até mesmo quando eu não tinha mais e que me fez recuperá-la todas as vezes com muita paciência, carinho e amor. Foram muitas ajudas em questões e teorias de exatas para que eu pudesse realizar o meu sonho de estar na USP.

À minha vó, Ondina, que me inspira todos os dias e que nas últimas semanas, assim como na minha infância, me abrigou e me cuidou para que eu pudesse me dedicar a este trabalho.

À minha tia, Jussara, que na verdade é quase uma irmã mais velha e sempre esteve ao meu lado para cuidar de mim, me defender, se divertir e, por vezes, me dar puxões de orelha importantes e necessários .

Aos meus irmãos que são a minha maior saudade e os bens mais preciosos que os meus pais me deram.

À minha prima, Raissa, que cresceu ao meu lado, me ensinou o que é amizade e me acompanhou nas últimas semanas deste trabalho me dando apoio e

dando ricas considerações para esse.

À todos os professores que tive ao longo da vida, sem eles nada seria possível. Em especial ao meu orientador, Luli Radfahrer, que acreditou em mim e me abraçou nessa jornada desde o primeiro contato. Sem seu "empurrão", ou empurrões, eu não teria chegado a este tema e nem concluído-o desta forma. Todas as nossas trocas foram essenciais para o desenvolvimento deste trabalho e também para o meu próprio desenvolvimento.

Ao meu psicólogo, Rodrigo, que me acompanha a 3 anos e me auxiliou ao longo de todo esse ciclo. Sem ele eu não sei se seria possível ter realizado este trabalho de forma tão estratégica e consciente.

Às minhas queridas entidades: ECAtlética, CO BIFE e CAO que fizeram parte da minha vida universitária, e à todos aqueles que conheci nesse caminho. Todas as experiências que vivi me ensinaram tanto quanto as salas de aulas.

Aos amigos que compartilharam esse grande ciclo da minha vida e que fizeram todos os dias valerem a pena. Laura, Inaia e Rafa que sempre foram as minhas fiéis escudeiras nas noites de CRP e dividiram comigo as dores e delícias da vida. Lohana, que dividiu comigo todas as entidades e também o trabalho de social media de cemitério, se não fosse ela ao meu lado eu não teria conseguido fazer nenhuma dessas coisas. Blendinha, que sempre esteve ao meu lado tirando sorrisos e que corrigiu este trabalho inteiro. Alfred, que está ao meu lado de outras vidas. Costela, que sempre esteve a dois quarteirões em todos os momentos. Gustavo Mata, que me apresentou o melhor da vida universitária. João e Luiza, que viveram as aflições do cursinho ao meu lado e que seguem me apoiando ao longo desses anos.

À Jala, minha chefe e minha amiga, que confia em mim todos os dias e que me mostrou um novo mundo pelo o qual eu sou apaixonada. E ao Juan, meu amigo e parceiro de trabalho, que teve longas e inspiradoras conversas sobre o meu tema e contribuiu me enviando as obras do Gabriel Massan. Juntas ainda vamos dominar o mundo.

À minha turminha que após 5 anos vivendo e convivendo juntos se tornaram minha família de coração, sempre dispostos a me ajudar independentemente da

situação. Agradeço todos os dias pela sorte de compartilhar a vida com vocês.

À Gigica, meu eterno amor e melhor amiga, que me inspira e me dá coragem e liberdade para ser quem eu sou desde o dia que nos conhecemos. Morro de orgulho de ter seu coração marcado em mim.

Ao Gui, o meu irmãozinho mais velho, que não perde uma oportunidade de causar comigo mas que ao mesmo tempo me protege, me cuida e me aconselha.

À Julica, minha xexelenta preferida, que me apoia e me ajuda em todos os meus projetos mesmo que isso signifique perder o feriado indo ao cemitério fazer minhas pesquisas.

À Ba, minha confidente, que me escuta, me entende e me acolhe sempre com um cigarrinho e uma comidinha gostosa independente de dia e hora.

Ao Tavinho, meu parceiro desde o começo da graduação, que aguentou todos os meus surtos com este trabalho e todos os outros ao longo desses 5 anos. Finalizar este ciclo também ao lado dele é lindo.

Ao Pedroca, meu artista preferido, que dividiu a graduação, uma casa e ainda divide um sonho. Ao lado dele espero conquistar voos tão altos que ainda nem podemos imaginar.

Ao Iguinho, meu filho de ECA, que me incentiva, me apoia e me faz lembrar do meu potencial sempre. Espero te levar pra vida toda.

À Minari, minha melhor amiga e minha irmã, que compartilha o caos da vida comigo e está ao meu lado em todos os momentos, inclusive neste exato momento em que eu escrevo. A vida é melhor desde que você chegou e espero que seja assim pelo resto da minha vida, principalmente nessa nossa nova fase.

*A relação entre morte e linguagem surge como
num relâmpago, mas permanece impensada.
Martin Heidegger*

RESUMO

OLIVEIRA, E. F. **AQUI JAZ A COMUNICAÇÃO TRANSCENDENTAL: um estudo sobre os cemitérios como meio de comunicação e seu futuro na Internet de Todas as Coisas.** 2022. 65 f. TCC (Graduação) - Curso de Bacharelado em Comunicação Social com habilitação em Relações Públicas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2022.

Os rituais fúnebres existem desde os primórdios da humanidade permeando o desenvolvimento da civilização. Sendo intrínseco à própria civilização, os rituais fúnebres se desenvolveram em novas formas e espaços, variando conforme a cultura de cada povo. Uma das estruturas resultantes desse processo são os cemitérios, espaços destinados a abrigar os mortos em grande parte das civilizações pelo mundo. O presente estudo busca analisar os cemitérios sob um novo ponto de vista, o da comunicação. Através desse olhar, pretende-se apresentá-los como meio de comunicação do ser humano com o transcendental. A partir disso, demonstra-se a relevância social e histórica de entendê-los como meio, a partir da elucidação de processos fundamentais para o ser humano. Como por exemplo, a construção da memória coletiva, o desenvolvimento da ancestralidade e a elaboração do luto. Por fim, busca-se teorizar sobre o futuro dos cemitérios e todos os processos que o envolvem dentro do conceito de Internet de Todas as Coisas.

Palavras-chave: Cemitérios; Comunicação; Rituais fúnebres; Internet.

ABSTRACT

OLIVEIRA, E. F. "R.I.P TRANSCENDENTAL COMMUNICATION: a study on cemeteries as a means of communication and their future in the Internet of Everything." 2022. 65 f. TCC (Graduation) - Bachelor's Degree in Social Communication with specialization in Public Relations, University of São Paulo, São Paulo, 2022.

Funeral rituals have existed since the dawn of humanity, permeating the development of civilization. Being intrinsic to civilization itself, funeral rituals developed in new ways and spaces, varying according to the culture of each people. One of the structures resulting from this process is the cemeteries, spaces destined to house the dead in most civilizations around the world. The present study seeks to analyze cemeteries from a new point of view, that of communication. Through this look, it is intended to present them as a means of communication between human beings and the transcendental. From this, the social and historical relevance of understanding them as a means is demonstrated, from the elucidation of fundamental processes for the human being. For example, the construction of collective memory, the development of ancestry and the elaboration of mourning. Finally, we seek to theorize about the future of cemeteries and all the processes that involve it within the concept of the Internet of All Things.

Keywords: Cemeteries; Communication; Funeral rituals; Internet.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Ilustração demonstrando os primeiros enterros	13
Figura 2 - Vestígios arqueológicos dos primeiros sepultamento	14
Figura 3 - Ilustração demonstrando o ritual de sepultamento na pré-história	15
Figura 4 - Vestígios arqueológicos dos primeiros sepultamentos II	15
Figura 5 - Foto das catacumabas de Roma	16
Figura 6 - Pintura egípcia que retrata o processo de mumificação dos corpos	16
Figura 7 - Fotografia das pirâmides do Egito	17
Figura 8 - Ilustração representando os crematórios romanos	17
Figura 9 - Fotografia de um túmulo do Cemitério da Consolação	18
Figura 10 - Fotografia do túmulo da Família Matarazzo	19
Figura 11 - Fotografia do corredor de cemitério vertical e lóculos	20
Figura 12 - Fotografia do Phoenix Memorial do ABC	20
Figura 13 - Fotografia do Cemitério Jardim da Saudade	21
Figura 14 - Fotografia do Túmulo do Santo Antoninho	27
Figura 15 - Fotografia da lápide do Santo Antoninho	27
Figura 16 - Fotografia das placas do túmulo de Santo Antoninho	28
Figura 17 - Placa do túmulo de Mário de Andrade	29
Figura 18 - Placa do túmulo de Clementino de Sousa e Castro	29
Figura 19 - Placa do túmulo de Giovanni Battista Libero Badaró	29
Figura 20 - Placa do túmulo da Família Conde Francesco Matarazzo	30
Figura 21 - Fotografia do Cemitério Père-Lachaise	31
Figura 22 - Fotografia de uma lápide do Cemitério da Consolação	32
Figura 23 - Fotografia de uma lápide do Cemitério da Consolação II	33
Figura 24 - Fotografia dos cemitérios mexicanos no Día de los Muertos	34
Figura 25 - Fotografia dos cemitérios mexicanos no Día de los Muertos II	34
Figura 26 - Cartaz do filme "Viva! A vida é uma festa"	36
Figura 27 - Fotografia do jardim do Vale dos Pinheirais	38
Figura 28 - Fotografia da Salão Nobre do Vale dos Pinheirais	38
Figura 29 - Fotografia da Sala de Repouso do Vale dos Pinheirais	39
Figura 30 - Fotografia da Capela Ecumenica do Memorial Parque da Paz	39
Figura 31 - Fotografia da Sala de Estar do Memorial Parque da Paz	40
Figura 32 - Fotografia da entrada do cemitério Memorial Parque da Paz	40

Figura 33 - Fotografia do Parque Florido do Memorial Parque da Paz	41
Figura 34 - Velório virtual de Lurdes (Regina Casé) em Amor de Mãe	43
Figura 35 - Fotografia do túmulo do Monteiro Lobato com QR Code	44
Figura 36 - Imagem exemplo de uma conta memorial do Facebook	45
Figura 37 - Imagem exemplo de uma conta memorial do Instagram	45
Figura 38 - Print do ensaio 3D “Do Not Say Goodbye To Earth”	46
Figura 39 - Print do ensaio 3D “Do Not Say Goodbye To Earth” II	47
Figura 40 - Print do ensaio 3D “Do Not Say Goodbye To Earth” III	47
Figura 41 - Print da obra 3D de Higor Casagrande	48
Figura 42 - Print da obra 3D de Higor Casagrande II	48
Figura 43 - Print da obra 3D de Higor Casagrande III	49
Figura 44 - Print da obra 3D de Samuel de Alves Jesus	50

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	11
2. A CIDADE DOS MORTOS	12
2.1. Breve contexto histórico	12
2.2. Estruturas e formatos	16
2.2.1. Cemitérios horizontais	17
2.2.2. Cemitérios verticais	18
2.2.3. Cemitérios parque	19
2.3. Administração e governança	20
2.3.1. Cemitérios públicos	20
2.3.2. Cemitérios privados	21
3. A COMUNICAÇÃO TRANSCENDENTAL	22
3.1. A relação entre consciências	22
3.2. Cemitérios como meio de comunicação	24
3.3. As mensagens e os seus sentidos	25
3.3.1. Passado e presente	25
3.3.2. Vivo e morto	30
3.3.3. Luto e símbolo	35
4. O TRANSCENDENTAL E A INTERNET DE TODAS AS COISAS	40
4.1. Onde tudo se conecta e nada se encerra	40
4.2. O futuro da comunicação transcendental	40
4.2.1. A modernização dos rituais fúnebres	41
4.2.2. Efeitos e reflexões	47
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	50
REFERÊNCIAS	52

1. INTRODUÇÃO

Todos os vivos um dia serão mortos e esses, em sua maioria, terão residência fixa na cidade dos mortos, os cemitérios. Essa é a única certeza que temos ao longo da vida. Certeza essa que vem acompanhada de um dos maiores medos para o ser humano: a morte.

Embora o medo da morte não seja inato, ele é inerente ao processo de desenvolvimento e está presente em todos os seres humanos. É um medo básico, que influi em todos os outros e do qual ninguém fica imune, por mais que possa estar disfarçado. (KOVACS, 1992, p.24)

Talvez por isso, falar de cemitérios ainda seja um tabu que causa tantos sentimentos confusos em nós. Sua ligação direta com a morte nos faz encarar o nosso medo mais básico, e nem todos estão dispostos a isso. Optar pela ignorância diante do assunto é uma relutância em vão, seremos obrigados a encará-lo em algum momento. Ao invés disso, podemos nos abrir para um olhar afetivo e respeitoso aos cemitérios, ainda que acompanhado do nosso medo inerente.

Propõe-se aqui o foco no processo comunicativo que existe perante a morte e seus rituais. Com um pai que trabalhou a vida inteira com cemitérios e uma mãe que estudava linguagem e comunicação, essa associação veio de forma natural em certo momento. Ao entender a dimensão e impacto de tal associação percebi ser imprescindível começar a pautá-la como objeto de estudo dentro da ciência das comunicações.

A fim de contextualizar a análise desse trabalho, o primeiro capítulo traz uma breve investigação histórica da origem dos rituais fúnebres e dos seus meios. Desde os primeiros enterros realizados até chegarmos nas estruturas e formatos de cemitérios como conhecemos. A partir disso, o segundo capítulo explicita a associação desses rituais à comunicação, demonstrando o processo comunicativo de tais e como os cemitérios são os seus atuais meios de comunicação. Para essa demonstração são traçados três cenários que evidenciam as mensagens originadas nesses processos e a relevância do impacto dessas no ser humano.

Por último, esse estudo propõe refletir estes processos comunicativos dos rituais fúnebres e os cemitérios como meio de comunicação dentro da ideia de um ciberespaço na Internet de Todas as Coisas¹. Como se adaptam as coisas que são pautadas no fim dentro de um espaço que nada tem fim?

¹ Internet of Everything (IoE), the seamless interconnection and autonomous coordination of massive number of computing elements and sensors, inanimate and living entities, people, processes and data through the Internet infrastructure, is an emerging research and development towards enabling the connected universe from molecular sensors to vehicles and people.

2. A CIDADE DOS MORTOS

2.1. Breve contexto histórico

A tradição de enterrar os corpos falecidos, segundo o historiador Lewis Mumford (1998, p.13) acompanha a espécie humana desde os tempos paleolíticos. Em seus estudos em relação à origem das cidades, Mumford, nota nos humanos inquietações que não existem entre os animais, em específico a preocupação com os mortos - manifestada por meio de enterros deliberados. Para Mumford, tal inquietação teve um papel maior no estabelecimento dos humanos em locais fixos do que necessidades de ordem prática, como a alimentação.

Em meio às andanças inquietas do homem paleolítico, os mortos foram os primeiros a ter uma morada permanente: uma caverna, uma cova assinalada por um monte de pedras, um túmulo coletivo. Constituíam marcos aos quais provavelmente retornavam os vivos, a intervalos a fim de comungar com os espíritos ancestrais ou de aplacá-los. Embora o ajuntamento de alimentos e a caça não encorajem a ocupação permanente de um sítio único, pelos menos os mortos reclamam esse privilégio. (MUMFORD, 1998, p.13)

Figura 1 - Ilustração demonstrando os primeiros enterros



Fonte: Timetoast. Disponível em:
<https://www.timetoast.com/timelines/etapas-de-la-enfermeria>. Acesso em: 05 dez. 2022.

Apesar de estudos recentes terem atestado que, dentre outros grupos de animais, como chimpanzés, elefantes, alguns cetáceos, lobos e girafas, o senso de morte ainda que exista não está na mesma instância como para os homens. O senso de morte dos animais permeia o campo do sentimento, com as expressões de luto, enquanto o do ser humano vai além, alcançando, também, o campo do

pensamento e do comportamento simbólico. De tal forma, o ato de enterrar os corpos falecidos se transformou em um ritual repleto de simbologias específicas.

Isto aconteceu durante o último meio milhão de anos, quando o homem do Neanderthal começou a enterrar seus mortos com evidentes sinais de ritualismo, nos quais são usados flores e animais, o que demonstra também o surgimento da Zoolatria. (ARGOLLO, 1986, p.89)

Apesar de Argollo afirmar que essas evidências ritualísticas datam do homem Neandertal², não existe um consenso entre pesquisadores sobre tal constatação. Para Lukas Blumrich, médico e pesquisador da evolução humana, a ritualização da morte acontece apenas a partir do Homo Sapiens. Independente dessa divisão de opiniões, o importante é que o impulso de cuidado e reflexão acerca dos mortos parece ser intrínseco ao ser humano.

Os falecidos não eram apenas colocados em covas, havia uma preocupação e um cuidado em relação ao corpo, a morte e ao processo. Os esqueletos eram posicionados de forma que remetesse a um feto no útero e junto eram colocadas flores e utensílios que pareciam variar conforme idade, sexo e função desempenhada pelo falecido. Com tal ritualização, o ato de enterrar deixa de ser só o enterro de um corpo e se torna um sepultamento³.

Figura 2 - Vestígios arqueológicos dos primeiros sepultamentos



Fonte: Pinterest. Disponível em: <https://br.pinterest.com/pin/399553798162195959/>. Acesso em: 05 dez. 2022.

² O homem Neandertal é uma espécie prima humana extinta, surgiram durante o Pleistoceno Médio na Europa e no Médio Oriente há cerca de 400 mil anos na Europa e no Médio Oriente e extinguiram-se há 28 mil anos na Península Ibérica.

³ A palavra enterro sugere o ato de inserir o corpo em uma cova, sem um local específico. Portanto, sepultamento é o termo mais adequado, porque envolve a realização de cerimônias de despedida e de homenagem que antecedem o enterro do corpo no jazigo.

Figura 3 - Ilustração demonstrando o ritual de sepultamento na pré-história



Fonte: A Sétima Elegia - Blogspot. Disponível em:
<http://asetimaelegia.blogspot.com/2014/02/vamos-desde-o-comeco-como-eles-se.htm>.
Acesso em: 05 dez. 2022.

Figura 4 - Vestígios arqueológicos dos primeiros sepultamentos II



Fonte: BBC News. Disponível em:
https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2011/04/110407_gay_neolitico_pu. Acesso em: 05 dez. 2022.

À medida que os humanos evoluíram, o sepultamento de cadáveres e a realização de cerimônias de despedida e de homenagem se modificaram e foram tomando novas formas conforme a cultura de cada povo.

Os hebreus foram os primeiros a destinar uma área específica ao sepultamento dos seus mortos, câmaras subterrâneas que ficaram conhecidas como catacumbas.

Figura 5 - Foto das catacumbas de Roma



Fonte: Shutterstock. Disponível em: <https://www.shutterstock.com/it/g/mike7/about>. Acesso em: 05 dez. 2022.

Já os egípcios mumificavam as figuras nobres e as sepultavam em enormes construções de pedras, as pirâmides. Enquanto as pessoas simples eram colocadas em uma cova e cobertas por um manto de fibra natural.

Figura 6 - Pintura egípcia que retrata o processo de mumificação dos corpos



Fonte: Egito Antigo - Blogspot. Disponível em: <http://trabegitoantigo.blogspot.com/2016/06/o-processo-de-mumificacao.html>. Acesso em: 05 dez. 2022.

Figura 7 - Fotografia das pirâmides do Egito



Fonte: Toda Matéria. Disponível em: <https://www.todamateria.com.br/as-piramides-do-egito/>. Acesso em: 05 dez. 2022.

Por volta de 1.000 a.C., os gregos e romanos optavam pela cremação como ritual para as pessoas dignas, enquanto o enterro só era feito para aqueles que eram considerados criminosos. Com o crescimento do cristianismo em 400 a.C. a cremação entrou em declínio por ser considerado um ato pagão e o sepultamento voltou a prevalecer.

Figura 8 - Ilustração representando os crematórios romanos



Fonte: Greelane. Disponível em: <https://www.megacurioso.com.br/artes-cultura/121207-cremacao-como-funciona-esse-antigo-rito-funerario.htm>. Acesso em: 05 de dez. 2022.

Durante a Idade Média, os sepultamentos e rituais fúnebres ocorriam dentro, ou próximos das igrejas, e conseqüentemente das moradias. Tal hábito desencadeou diversas epidemias por conta da contaminação do solo. No século XVIII, a Igreja e as autoridades compreenderam que era

necessário separar o espaço de sepultamento da igreja. Com isso, foi instituída uma lei que obrigava que os enterros fossem realizados ao ar livre e longe da área urbana, originando assim, os cemitérios.

2.2. Estruturas e formatos

Os cemitérios são locais sagrados que podem ser encontrados em diversos lugares do mundo, não se restringindo a uma cultura ou região. Notamos que os cemitérios não têm um formato único, mas que, em geral, podemos dividi-los em três modelos:

2.2.1. Cemitérios horizontais

Os cemitérios horizontais são os mais comuns e antigos que existem. Nesse formato os corpos são sepultados subterraneamente e são identificados, acima da terra, com jazigos, sepulturas ou então mausoléus e estátuas.

Figura 9 - Fotografia de um túmulo do Cemitério da Consolação



Fonte: Da autora.

As sepulturas, mausoléus e estátuas serviam como um marcador de classe social. Quanto maiores eram essas estruturas, maior o poder aquisitivo da família que ali estava sepultada. Grande exemplo disso é o mausoléu da

família Matarazzo⁴, no Cemitério da Consolação em São Paulo, o maior da América Latina com 20 metros de altura e 150 m².

Figura 10 - Fotografia do mausoléu da Família Matarazzo



Fonte: Da autora.

2.2.2. Cemitérios verticais

Os cemitérios verticais surgiram como solução para a falta de espaço para sepultamentos, principalmente nas grandes cidades. Nesse formato de cemitério os caixões são guardados um em cima do outro, dentro de um prédio, remetendo à estrutura de um armário. Além de solucionar a falta de espaço, os cemitérios verticais também são mais ecológicos, uma vez que é possível filtrar os gases resultantes da decomposição e, com isto, a natureza é beneficiada.

⁴ Francisco Matarazzo (1854-1937) foi um empresário italiano, radicado no Brasil, que criou o maior complexo industrial da América Latina no início do século XX e faleceu na condição de homem mais rico do país.

Figura 11 - Fotografia do corredor de cemitério vertical e lóculos



Fonte: Central Funerária. Disponível em: <https://centralfuneraria.co/funeral/tudo-o-que-voce-precisa-saber-sobre-cemiterio-vertical-e-os-10-mais-famosos-do-brasil/>. Acesso em: 05 dez. 2022.

Figura 12 - Fotografia do Phoenix Memorial do ABC



Fonte: Funerária Arce. Disponível em: <https://www.funerariaarce.com.br/cemiterio-vertical-em-sao-paulo-veja-quais-sao-os-principais-da-cidade/>. Acesso em: 05 dez. 2022.

2.2.3. Cemitérios parque

Por último, os cemitérios parque, ou jardins, têm jazigos subterrâneos cobertos por um amplo gramado com apenas uma lápide de identificação em cima dos jazigos. Esse formato de cemitérios tem o intuito de proporcionar uma experiência mais tranquila e serena para as pessoas que venham a fazer parte do

ritual de despedida. A ideia é que o ambiente calmo e tranquilo seja confortador em um momento delicado, visto a vulnerabilidade humana diante do ritual de despedida.

Figura 13 - Fotografia do Cemitério Jardim da Saudade



Fonte: Metro1. Disponível em: <https://www.metro1.com.br/noticias/cidade/130021,cemiterio-jardim-da-saudade-tem-programa-cao-especial-no-feriado>. Acesso em: 05 dez. 2022.

2.3. Administração e governança

Para além da diferenciação dos formatos e estruturas, os cemitérios também se dividem entre as esferas do público e privado. Como cada país lida com essas esferas de forma diferente, é importante frisar que a diferenciação entre os cemitérios públicos e privados que apresentaremos aqui está embasada no recorte brasileiro.

2.3.1. Cemitérios públicos

Nos cemitérios públicos, o solo pertence ao município e as famílias possuem apenas concessões para utilizar o terreno, com a finalidade única e exclusiva, de sepultar seus familiares. Tal concessão está regida pelas legislações de cada cidade e custa uma taxa única, que não contempla os demais custos do sepultamento e também não abrange a manutenção e conservação do local. Atualmente, os cemitérios públicos do país estão sofrendo com um problema de superlotação, dificultando novas aquisições para famílias que assim o queiram.

2.3.2. Cemitérios privados

Nos cemitérios privados, a concessão do solo é feita por meio da compra de um jazigo, ou seja, a família se torna proprietária deste espaço e ele só volta a ser do cemitério caso não haja pagamento do jazigo ou das taxas contratuais. Nesse esquema os custos envolvem os demais tipos de serviços relacionados ao sepultamento e incluem a manutenção e conservação do local.

No Brasil, os cemitérios são considerados bens de interesse público, por isso mesmo os particulares precisam ser fiscalizados pelo Estado e apenas são construídos após uma permissão concedida pelo poder municipal.

3. A COMUNICAÇÃO TRANSCENDENTAL

3.1. A relação entre consciências

A princípio, a associação direta entre rituais fúnebres e comunicação não é perceptível para todos, uma vez que a definição da segunda é frequentemente limitada à dinâmica de emissor-receptor. Para o autor Luiz C. Martino, estudioso das teorias de comunicação,

Ao tentarmos definir um uso para o termo comunicação, o que está em questão é nos colocarmos de acordo sobre o que falamos e que por conseguinte nos interessa estudar. Trata-se então de falar de uma mesma coisa e não de estabelecer a verdade derradeira sobre o que é comunicação. (MARTINO, 2007, p.11)

Deste modo, com o intuito de delimitar o contexto sob o qual esse trabalho se associa, este capítulo propõe uma investigação profunda e abrangente da definição da comunicação.

Para isso é necessário retornarmos à origem do termo: *communicatio* do latim "tornar comum a todos". O termo em latim une três elementos em sua composição: a raiz *munis*, que refere-se a uma ocupação, função ou dever; o prefixo *com-*, que expressa o sentido de simultaneidade; e o sufixo *-tio* que designa a função de ação no latim. Diante dessa decomposição e de seus desdobramentos, Martino (2007, p.14) aponta que o termo em questão diz respeito a um tipo de relação intencional exercida sobre outrem. Portanto, a significação mais fundamental de tal refere-se ao processo de compartilhar um mesmo objeto de consciência, ele exprime a relação entre consciências (MARTINO, 2007, p. 14-15) .

Tal sentido primordial está de acordo também com a maioria das significações trazidas pelos dicionários, dado que compartilhar, transmitir, anunciar, trocar, reunir, ligar (pôr em contato) são expressões sinônimas ou variantes de "relação". As significações que fogem disso são as substantivações da palavra (informação, circulação ou transporte de coisas, disciplina ou ciência) que apesar de não serem expressões sinônimas ou variantes diretas de "relação" ocorrem exclusivamente mediante a interação intencional sobre outrem.

Embora esta retomada a etimologia da palavra, e as significações dela, expliquem a comunicação de forma abrangente, daqui em diante iremos aprofundar o tema da comunicação humana em específico. Essa, para Martino, assume sua forma simbólica e se dá sob três pontos: o homem com o mundo, o homem com o outro e o homem consigo mesmo.

Em outras palavras, o ser humano é um ser da comunicação: consigo (subjetividade) e com o mundo, ambos entendidos como produto da comunicação com outrem, pois assim como a subjetividade não é um dado natural, as coisas não se apresentam ao ser humano de forma direta, mas são construídas graças à mediação do desejo, conhecimento e reconhecimento de outrem. (MARTINO, 2007, p. 23)

Posto que o homem é um ser da comunicação, e a comunicação do homem é de ordem simbólica, tudo que conhecemos é fruto da relação entre homem e simbologia. Ou seja, de um processo comunicativo. Visto que trata-se de um processo no qual duas consciências compartilham um mesmo objeto mental. Sendo assim, se os rituais fúnebres são uma das primeiras expressões simbólicas da consciência do homem, como vimos no primeiro capítulo, tudo que os permeia envolve processos comunicativos. Os preparativos para o sepultamento, os cuidados com o corpo falecido, o luto pela perda de um conhecido, o medo e o respeito em relação à morte são todos produtos da consciência do homem se comunicando simultaneamente consigo, com o outro e com o mundo. Ou ainda, com um quarto ponto, a consciência do homem se comunicando com o transcendente. Cenatti, define e descreve como se dá essa comunicação quando escreve:

A partir de agora vamos delimitar a transcendência conceituando-a como o que projeta o homem para além de si mesmo, que ultrapassa os limites da experiência possível. Consideremos que ela é uma dimensão do homem pela qual ele procura a superação de si próprio, de seu mundo físico em direção a um objetivo. A transcendência é o movimento de busca pelo sentido da vida humana, sendo marcada por uma realidade que se apresenta constantemente incompleta. De igual modo, também está marcada por uma constante procura por plenitude que é experimentada pelo homem quando se depara com a angústia de sua existência. É pela relação com a transcendência que o homem pretende superar sua condição de ser inacabado, ultrapassando sua limitação física e sua própria racionalidade rumo à realização que está além dessas duas dimensões. (CENATTI, 2013, p. 13-14)

Ademais, deve-se considerar que a ideia primordial de ritual já se estabelece como comunicação. Para Peirano, o ritual é um sistema cultural de comunicação simbólica. Ele é constituído de sequências ordenadas e padronizadas de palavras e atos, em geral expressos por múltiplos meios (2002, p. 6). Independente de seus formatos e das variações sofridas em cada grupo social, os rituais fúnebres tornaram-se parte da cultura imaterial do ser humano sendo uma tradição transmitida entre gerações. E segundo Martino (2007, p. 23), ao falarmos de cultura, temos que nos atentar para o fato de estarmos trabalhando um conceito que já implica um processo de comunicação por si só. Afinal, a cultura implica a

transmissão de um patrimônio através das gerações. Logo, esses se relacionam com a comunicação, não somente pela sua origem, mas também por se tratarem de cultura.

Cultura, comunicação, humanidade e morte, são todos conceitos extremamente subjetivos e, a partir deles, é possível explorar e traçar diversos caminhos e paralelos. Torna-se imprescindível começar a pautar estes caminhos como objeto de estudo dentro da ciência das comunicações. Contudo não seria possível adentrar todos os caminhos nesse estudo. A investigação aqui se desdobra acerca de uma estrutura em específico dos rituais fúnebres, os cemitérios.

3.2. Cemitérios como meio de comunicação

Todo processo comunicativo necessita de um meio de comunicação, sendo este meio a “agência que permite que a comunicação aconteça” (O’Sullivan et al., 2001, p. 151). Segundo o autor Carlos Alberto Ávila Araújo, as pesquisas de George Gerbner, teórico da comunicação, citam a definição de meio de comunicação presente em um dicionário, onde se lê que “os meios de comunicação são os meios ou veículos capazes de assumir formas que tenham características de mensagens ou que transmitam mensagens” (2007, p. 11). Pensando no universo dos rituais fúnebres, a agência que permite que o seu processo comunicativo aconteça são os espaços nos quais eles ocorrem. Sendo os cemitérios, um desses espaços e o mais consolidado e difundido na sociedade atual, são eles que assumem esse papel. Ou seja, são os cemitérios o meio de comunicação pelo qual a consciência do homem se comunica com a consciência do transcendental.

Além de transmitir as mensagens entre essas consciências, o cemitério também as influencia e se torna parte da mensagem. Isso acontece porque “cada veículo exerce a sua influência sobre a mensagem e, nesse sentido, torna-se parte da própria mensagem. Veículo e mensagem são inseparáveis” (Rabaça; Barbosa, 2002, p. 479). Dado isso, as mensagens emitidas através dos cemitérios só são o que são pois acontecem perante sua influência. Tal influência é intensificada ao olharmos para os cemitérios da mesma maneira que Foucault: em nossa experiência mais atual, o mais evidente exemplo da heterotopia (FOUCAULT, 2013 p.23). Esse termo para o filósofo francês refere-se a um contra-espaço, um lugar existente, ainda que fora da dimensão física que acontece sob um recorte singular

de tempo e possui sempre um sistema de abertura e de fechamento que o isola dos demais espaços. Em outras palavras, suas características que o classificam como heterotopia também o reforçam como meio de comunicação.

Conforme enxergamos o cemitério como meio de comunicação é possível abstrairmos algumas das mensagens que são transmitidas através do mesmo. São essas que passaremos a examinar em seguida.

3.3. As mensagens e os seus sentidos

Embora as mensagens desses processos girem em torno da dicotomia vida e morte, elas se desdobram em três principais cenários: passado e presente; vivo e morto; luto e símbolo. Em todos esses temos consolidações fundamentais para os nossos processos históricos, culturais e psicológicos. Isso porque as mensagens trocadas dentro do cemitério nos impactam e criam sentidos em assuntos até então desconhecidos. Importante pontuar previamente que esses três cenários acontecem simultaneamente, por isso, por vezes, eles vão se esbarrar nas análises a seguir.

3.3.1. Passado e presente

O cemitério desempenha papel similar ao de um museu no quesito preservação histórica. Tal qual os museus, os cemitérios guardam testemunhos dos homens, nesse caso o único testemunho que a todos pertence, o de vida. A concentração desses testemunhos de vida em um único local constitui, por fim, no testemunho de um determinado grupo social ou de uma determinada região. Esses testemunhos são registros de um tempo passado que estão dados para o tempo presente através das estruturas do cemitério. A fim de exemplificar, apresento abaixo imagens do túmulo do Antoninho da Rocha Marmo, popularmente conhecido como Santo Antoninho, localizado no Cemitério da Consolação em São Paulo.

Figura 14 - Fotografia do Túmulo do Santo Antoninho



Fonte: Da autora.

Figura 15 - Fotografia da lápide do Santo Antoninho



Fonte: Da autora.

Figura 16 - Fotografia das placas do túmulo de Santo Antoninho



Fonte: Da autora.

Nestas imagens podemos ver que o túmulo do Antoninho da Rocha Marmo registra o seu testemunho de vida: o de santo. Mas não somente, ele também registra os depoimentos de seus devotos, isto é o testemunho de determinado grupo social, os dos devotos de Santo Antoninho.

Deve-se considerar que os cemitérios também registram os testemunhos de pessoas relevantes historicamente. De tal forma, além de preservarem, também propagam o papel desempenhado por tal pessoa por meio de placas didáticas que acompanham os túmulos.

Figura 17 - Placa do túmulo de Mário de Andrade



Fonte: Da autora.

Figura 18 - Placa do túmulo de Clementino de Sousa e Castro



Fonte: Da autora.

Figura 19 - Placa do túmulo de Giovanni Battista Libero Badaró



Fonte: Da autora.

Figura 20 - Placa do túmulo da Família Conde Francesco Matarazzo

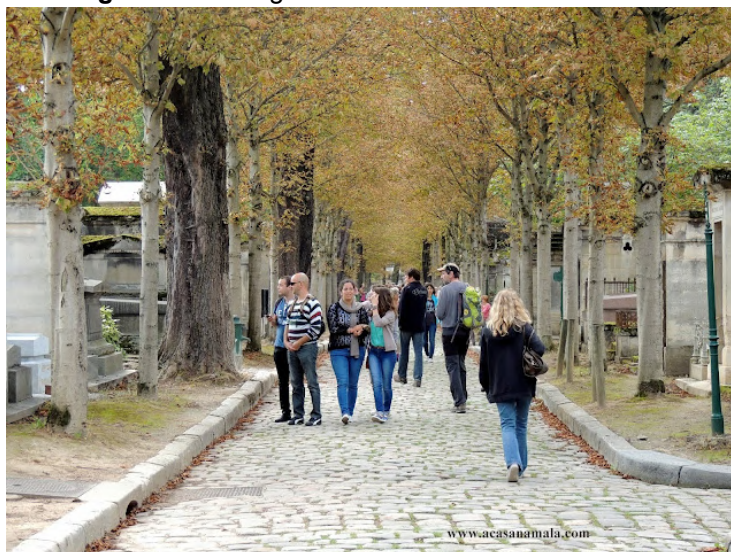


Fonte: Da autora.

Vale ressaltar que as próprias estruturas do cemitério são registros de um tempo passado. Apesar de seguirem aquelas estruturas citadas no começo, cada cemitério é diferente pois são construções que elucidam a arquitetura da região e da época em que são construídos. De acordo com as autoras Samira Adel Osman e Olivia Cristina Ferreira Ribeiro, "O cemitério, nessa concepção, representa um resumo simbólico da sociedade no qual está inserido, pois é nele que se pretende perpetuar o status e o estilo de vida das diferentes camadas da sociedade, mesmo depois da morte" (2007. p.7). Por isso, em muitos lugares do mundo esses são até mesmo um ponto turístico da cidade.

Como ponto turístico consolidado nos mais diferentes países do mundo, os cemitérios atraem romarias de visitantes interessados em conhecer túmulos de personalidades mundiais da literatura, das artes, da política, da história como também para apreciar túmulos e jazigos que podem ser vistos como verdadeiras obras de arte. Além de sua importância histórica, os cemitérios são ainda vistos como locais por onde se podem percorrer jardins arborizados, alamedas floridas e desfrutar de momentos de paz e tranquilidade como numa ilha no meio do caos urbano das grandes cidades. (OSMAN e RIBEIRO, 2007, p.3)

Figura 21 - Fotografia do Cemitério Père-Lachaise



Fonte: A Casa na Mala. Disponível em:
<http://www.acasanamala.com/2016/03/pere-lachaise-o-cemiterio-mais-famoso-e-visitado-do-mundo.html>. Acesso em: 09 dez. 2022.

Essa troca de informações, entre o passado e o presente, faz parte do processo de construção e materialização da memória coletiva. Essa é uma categoria de memória criada pelo sociólogo Maurice Halbwachs que defende que as nossas memórias não são apenas individuais pois nenhuma lembrança existe isolada de um grupo social. Para Halbwachs,

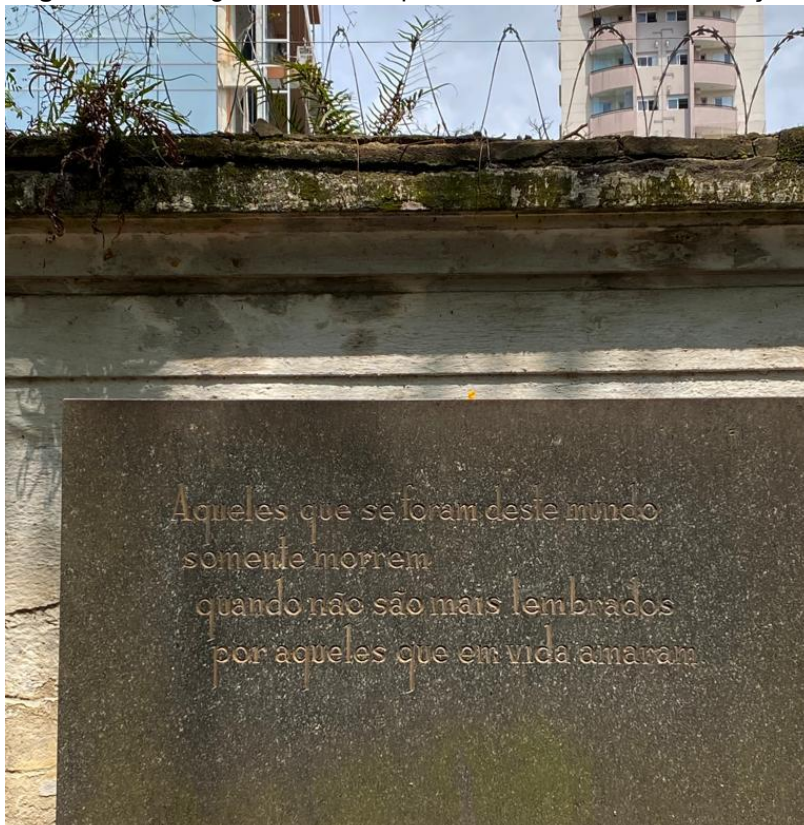
a grande protagonista da história é a memória coletiva, que tece e retece, continuamente, aquilo que o tempo cancela e que, com a sua incansável obra de mistificação, redefinição e reinvenção, refunda e requalifica continuamente um passado que, de outra forma, correria o risco de morrer definitivamente ou de permanecer irremediavelmente desconhecido. (HALBWACHS, 2004, p. 55)

Sendo assim, os cemitérios funcionam de forma a colaborar para o desenvolvimento da memória coletiva do local que estão estabelecidos. E conseqüentemente, também, do ser humano como um todo, pois é a partir do fortalecimento da memória coletiva de pequenos grupos que se constrói a história como um todo.

3.3.2. Vivo e morto

Os cemitérios servem de meio também para aquele que está vivo se conectar com aquele que está morto. Embora pontuar dessa forma, a princípio pareça um delírio, após devemos ter em mente que o termo morto nesse caso refere-se a memória desse.

Figura 22 - Fotografia de uma lápide do Cemitério da Consolação



Fonte: Da autora.

Sendo o cemitério o local que guarda o testemunho de vida preservando uma última homenagem àquele que já se foi, ele consequentemente é o local que mantém a memória dos falecidos, viva. O vivo, ao adentrar esse contra-espço, se afasta dos demais espaços, entra num outro recorte de tempo e se conecta com as memórias dos seus entes queridos de maneira única e intensa.

Figura 23 - Fotografia de uma lápide do Cemitério da Consolação II



Fonte: Da autora.

Ainda que essa conexão não dependa exclusivamente do cemitério para acontecer, nenhum outro meio é capaz de realizá-la da mesma forma. Isso se justifica quando pensamos em toda construção simbólica do cemitério e também na sua classificação enquanto heterotopia.

O ato de visitar os cemitérios não é só turístico, como visto anteriormente, mas originalmente é um costume cultural e religioso para muitos. Anualmente, nos países ocidentais, no dia 2 de novembro é celebrado o Dia dos Finados ou Dia dos Mortos, data dedicada à memória das pessoas que já faleceram. Nessa data os vivos realizam suas cerimônias a fim de prestar suas homenagens, dentre essas está a ida aos cemitérios. O maior exemplo de como os vivos e os mortos se comunicam dentro do cemitério são as celebrações mexicanas no Dia de Los Muertos, conhecidas mundialmente.

A tradição – de acordo com depoimentos orais – diz que é preciso montar a oferenda para receber aqueles que, a partir do dia 28 de outubro, começam a chegar para celebrar o Dia de los Muertos. Para isso, devem ser colocadas flores (cempasúchil) que indicam o caminho das almas que saem para a visita, as comidas que os finados mais gostavam, bebidas, as caveiras feitas de açúcar/chocolate, fotografias dos entes queridos. Como a visita é feita desde o dia 28, no dia 2 de novembro as pessoas vão ao cemitério para acompanhar aqueles que estão em outro plano fazendo a alumbrada – o acender de muitas

velas –para iluminar o caminho daqueles que precisam partir. A tradição é tão forte que se acredita que ao fazer o levante, quando todos comem o que foi oferecido, as comidas já não têm mais o gosto, uma vez que as “visitas” às comeram durante esses dias de festa. (BOTELHO, DARCIE e GOBBI, 2018, p. 211)

Figura 24 - Fotografia dos cemitérios mexicanos no Día de los Muertos



Fonte: Enrique Castro/AFP/Getty Images. Disponível em: <https://www.history.com/topics/halloween/day-of-the-dead>. Acesso em: 11 dez. 2022.

Figura 25 - Fotografia dos cemitérios mexicanos no Día de los Muertos II



Fonte: Zona33. Disponível em: <https://www.zona33.com.br/2013/11/dia-de-los-muertos.html>. Acesso em: 11 dez. 2022.

O exercício dessa conexão com os antepassados fortalece os vínculos familiares e culturais, permitindo o desenvolvimento da nossa ancestralidade.

Segundo o autor Eduardo David de Oliveira,

A ancestralidade é uma categoria de relação, ligação, inclusão, diversidade, unidade e encantamento. Ela, ao mesmo tempo, é enigma-mistério e revelação-profecia. Indica e esconde caminhos. A ancestralidade é um modo de interpretar e produzir a realidade. [...] . A ancestralidade é uma categoria de relação - no que vale o princípio de coletividade – pois não há ancestralidade sem alteridade. Toda alteridade é antes uma relação, pois não se conjuga alteridade no singular. O Outro é sempre alguém com o qual me confronto ou estabeleço contato. Onde tem alteridade temos relação. A ancestralidade é uma categoria de relação porque ela é um dos modos pelos quais as relações são geridas. (OLIVEIRA, 2005, p. 257)

A função dos rituais fúnebres no desenvolvimento da ancestralidade é explicitada no filme "Viva! A vida é uma festa" da Disney. A trama retrata exatamente as celebrações do Dia de Los Muertos no México e discorre sobre como a conexão da família Riviera com os seus ancestrais. A autora Clara Maria Medeiros Borba, ao traçar um estudo sobre o filme e sua conexão com a memória, evidencia isso quando pontua:

A produção mexicana que levou em conta todos os ritos e cultura de seu povo, exalta as memórias de forma que tanto aqueles que ocupam o mundo dos vivos quanto aqueles que estão no mundo dos mortos se unem pelas recordações, devendo perpetuar suas lembranças entre aqueles que habitam a terra. O esqueleto malandro tem sua história marcada pela tentativa de seus familiares apagá-lo da memória, impedido que sua foto, registro vivo de sua passagem, estivesse no altar de oferendas ou que sua trajetória fosse passada oralmente por aqueles que o conheceram, para assim torná-lo vivo, ainda que não pertencesse a este plano. (BORBA, 2021, p.14)

Figura 26 - Cartaz do filme "Viva! A vida é uma festa"



Fonte: Camundongo. Disponível em:
<https://www.ocamundongo.com.br/viva-titulo-representatividade/>. Acesso 15 dez. 2022.

Para Garcia, autora que pesquisa memória e história, (2015, p. 1363),

Falar sobre memória requer o diálogo perpétuo com os tempos; passado e presente caminham praticamente juntos. Quando lembramos, olhamos para o passado com os olhos do presente, com toda a bagagem de experiências. A memória é o futuro do passado: o ato de lembrar a presentifica.

Sendo assim, conhecer nossa ancestralidade e nossa história é essencial para que o ser humano siga se desenvolvendo em seus aspectos individuais e coletivos.

3.3.3. Luto e símbolo

Intrínseco à morte e aos seus rituais, o luto é um processo que inicia diante da perda de um familiar ou ente querido.

Deduz-se então que a morte e os ritos por ela gerados suscitam nos sobreviventes emoções que os reportam tanto à sua relação particular com a morte quanto com o falecido. Estabelece-se aí a noção do luto, estado em que se situam aqueles que estão vinculados de alguma maneira com o morto. (FREIRE, 2005, p.26)

Esse processo é relativo ao enfrentamento da dor causada por esta perda. Sanders (1999, p. 3) relata tal dor da seguinte forma:

A dor de uma perda é tão impossivelmente dolorosa, tão semelhante ao pânico, que têm que ser inventadas maneiras para se defender contra a investida emocional do sofrimento. Existe um medo de que se uma pessoa alguma vez se entregar totalmente à dor, ela será devastada - como que por um maremoto enorme - para nunca mais emergir para estados emocionais comuns outra vez. (SANDERS, 1999, p.3)

Segundo a psicóloga Maria Julia Kovacs, a supressão dessa dor implica em sérias consequência do ponto de vista psicopatológico, "Sabe-se que muitas doenças psíquicas podem estar relacionadas com um processo de luto mal-elaborado" (KOVACS, 1992, p. 151). Dessa maneira, expressar essa dor é fundamental para o desenvolvimento do processo de luto e conseqüentemente para saúde do enlutado.

Sendo o cemitério o destino final dos mortos, é nele que se dá o último contato com aquele que se foi, os ritos e as homenagens.

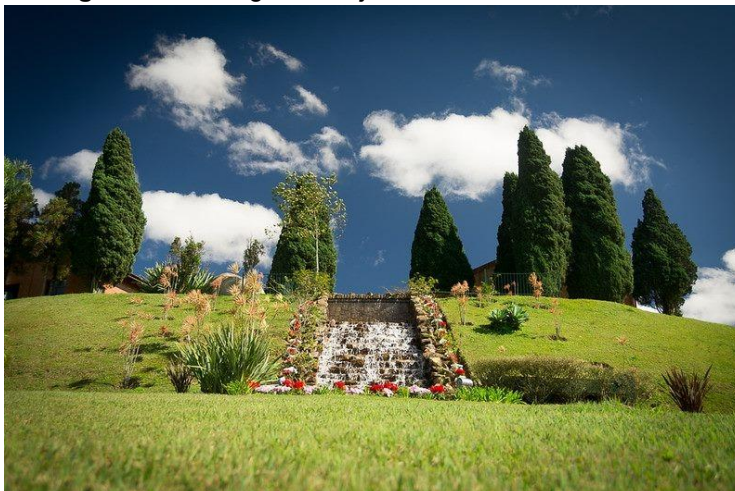
Como fenômeno social, a morte e os ritos a ela associados consistem na realização do penoso trabalho de desagregar o morto de um domínio e introduzi-lo em outro. Tal trabalho, exige todo um esforço de desestruturação e reorganização das categorias mentais e dos padrões de relacionamento social. O enterro, bem como as outras maneiras de lidar com o corpo morto, é um meio de a comunidade assegurar a seus membros que o indivíduo falecido caminhe na direção de seu lugar determinado, devidamente sob controle. Através de tais práticas, o grupo recebe mensagens que evoluem da insegurança ao sentimento de ordem e representam a maneira especial que cada humano tem de resolver um problema fundamental: é necessário que o morto parta. (RODRIGUES, 1983, p. 45)

O cemitério, portanto, torna-se o símbolo oficial da perda, aquele que comunica a última instância da perda para o enlutado. Ao mesmo tempo, ele também torna-se símbolo de acolhimento para aquela dor, visto que abriga a memória da pessoa querida. Por isso, no setor funerário, tudo é pensado e planejado para atenuar a dor do luto. Lucas Provenza, CEO do Grupo Zelo do setor funerário, descreve isso na sua matéria pra Revista Exame:

Ao longo dos séculos, os campos-santos foram evoluindo e incorporando o conceito de arquitetura emocional, ajudando a criar novas conexões e experiências nesses locais. Vejo os cemitérios como espaços para perpetuar a memória afetiva e lembrar da vida. Eles devem ser planejados para que as famílias e visitantes possam se sentir acolhidos no momento do luto e, por isso, temos buscado adaptar a infraestrutura desses locais para atender a essa realidade do acolhimento. (EXAME, 2022)

Podemos perceber isso ao ver a fotografia dos espaços cemiteriais privados, fica nítido o foco em proporcionar uma experiência de tranquilidade e conforto:

Figura 27 - Fotografia do jardim do Vale dos Pinheirais



Fonte: Facebook. Disponível em:
<https://www.facebook.com/media/set/?set=a.2758568657502576&type=3>. Acesso 16 dez. 2022.

Figura 28 - Fotografia da Salão Nobre do Vale dos Pinheirais



Fonte: Facebook. Disponível em:
<https://www.facebook.com/media/set/?set=a.2758568657502576&type=3>. Acesso 16 dez. 2022.

Figura 29 - Fotografia da Sala de Repouso do Vale dos Pinheirais



Fonte: Facebook. Disponível em: <https://www.facebook.com/media/set/?set=a.2758568657502576&type=3>. Acesso 16 dez. 2022.

Figura 30 - Fotografia da Capela Ecumenica do Memorial Parque da Paz



Fonte: Memorial Parque da Paz. Disponível em: <https://memorialparquedapaz.com.br/infraestrutura/>. Acesso 16 dez. 2022.

Figura 31 - Fotografia da Sala de Estar do Memorial Parque da Paz



Fonte: Memorial Parque da Paz. Disponível em: <https://memorialparquedapaz.com.br/infraestrutura/>. Acesso 16 dez. 2022.

Figura 32 - Fotografia da entrada do Memorial Parque da Paz



Fonte: Memorial Parque da Paz. Disponível em: <https://memorialparquedapaz.com.br/infraestrutura/>. Acesso 16 dez. 2022.

Figura 33 - Fotografia do Parque Florido do Memorial Parque da Paz



Fonte: Memorial Parque da Paz. Disponível em: <https://memorialparquedapaz.com.br/parque-florido/>. Acesso 16 dez. 2022.

Por fim, talvez seja aí que reside o papel mais essencial do cemitério: o de facilitar a elaboração do luto. Visto que toda a sua existência advém da preocupação do homem em relação aos seus mortos. Sendo assim, a maior mensagem que o cemitério comunica é a constatação do fim.

4. O TRANSCENDENTAL E A INTERNET DE TODAS AS COISAS

4.1. Onde tudo se conecta e nada se encerra

Cada ano que passa a internet e suas redes adentram ainda mais as nossas vidas e o nosso cotidiano. De tal forma que, pensarmos a nossa existência também dentro do ciberespaço já não é mais distante como alguns anos atrás. SANTOS (2013) reforça esse ponto quando afirma:

A expressão clara que a Internet hoje está incorporada às práticas cotidianas humanas, permeando seus afazeres e mediando suas conexões com outros humanos chega a ser redundante e de certa forma com ares de dados antigos. A busca do que está à frente sempre aguça o pensamento científico a lançar-se em direção às perspectivas e desafios que o mundo pode enfrentar diante dos próximos anos. (SANTOS, 2013)

Agora, as perspectivas em relação à internet se voltam para a conexão não mais do ser humano e sim das coisas. E por "coisas" me refiro ao sentido mais abrangente do termo mesmo, aquele que designa tudo o que existe ou que pode ter existência. É nesse avanço da hiperconexão de "tudo que existe" que se origina o conceito de Internet of Everything (IoE) ou em português Internet de Todas as Coisas. Segundo o próprio site da IoE,

A Internet de Todas as Coisas (IoE), a interconexão perfeita e a coordenação autônoma de um grande número de elementos e sensores de computação, entidades vivas e inanimadas, pessoas, processos e dados por meio da infraestrutura da Internet, é uma pesquisa e desenvolvimento emergente para possibilitar o universo conectado a partir de moléculas sensores para veículos e pessoas. (IoE.org, s/d, tradução nossa)⁵

A partir disso, o ambiente digital passa a ser uma extensão da realidade na qual tudo e todos estão conectados.

4.2. O futuro da comunicação transcendental

Diante de tudo isso a reflexão final que esse estudo se propõe é: como esse processo comunicativo dos rituais fúnebres e todos os seus elementos se desdobram dentro da internet das coisas? Afinal, se tudo é conectado a internet e a tecnologia os cemitérios e os seus rituais não ficam de fora disso. Também se desdobram e acontecem dentro dessa dinâmica. Sendo assim, como tudo isso se

⁵ Citação original da organização: Internet of Everything (IoE), the seamless interconnection and autonomous coordination of massive number of computing elements and sensors, inanimate and living entities, people, processes and data through the Internet infrastructure, is an emerging research and development towards enabling the connected universe from molecular sensors to vehicles and people.

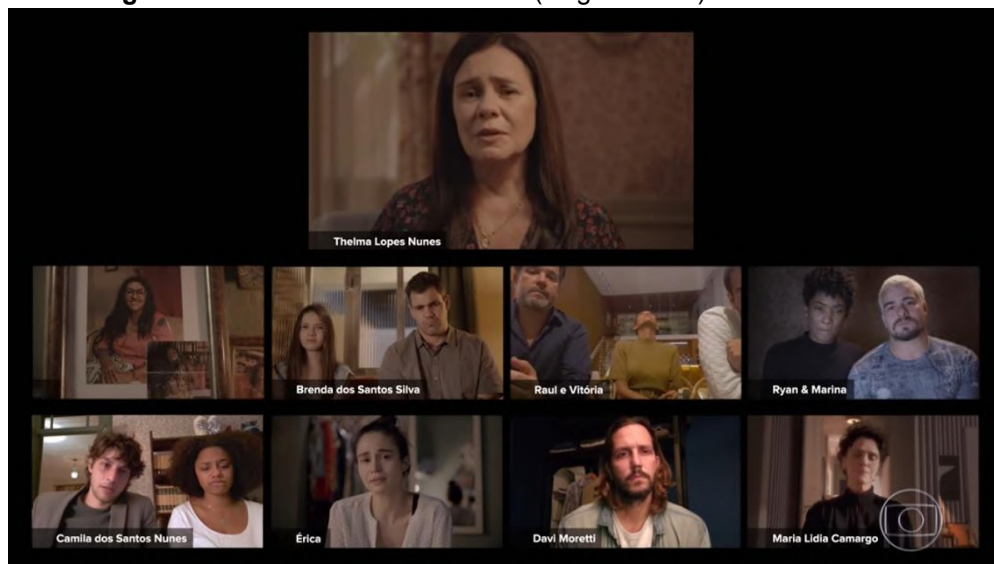
adapta? Como isso vem se construindo e se estruturando dentro desse cenário? Qual será o futuro desses rituais? Quais são as perdas e ganhos? São muitas as perguntas possíveis, muitas delas sem uma resposta definitiva. As reflexões propostas aqui não visam encontrar tais respostas, apenas dispõe-se ao ato de indagar acerca destas.

4.2.1. A modernização dos rituais fúnebres

Se antes para vivenciar os rituais fúnebres e se conectar com as suas mensagens era necessário a ida até o cemitério com a Internet de Todas as Coisas novas possibilidades são concebidas.

O Cemitério Morada da Paz em Natal, por exemplo, adota desde 2002 a opção dos "velórios virtuais". Com o intuito de aproximar aqueles que não podem acompanhar o velório presencialmente, é colocado uma câmera no local que transmite a cerimônia ao vivo somente àqueles que recebem o acesso. Perante a pandemia da Covid-19, os velórios no formato presencial que conhecemos não eram a opção mais viável, sendo assim esse modelo virtual prevaleceu e passou a ter grande visibilidade. Ao ponto que a novela Amor de Mãe, da Rede Globo, ao adicionar a pandemia no seu roteiro incluiu uma cena de um velório virtual.

Figura 34 - Velório virtual de Lurdes (Regina Casé) em Amor de Mãe



Fonte: Reprodução Globo. Disponível em: <https://observatoriodatv.uol.com.br/noticias/despedita-de-lurdes-em-amor-de-mae-emociona-internautas>. Acesso em: 11 dez. 2022

Bem como os velórios, outra estrutura do cemitério que assume uma versão virtual são as suas lápides que a partir da implementação dos QR Codes são

estendidas ao ambiente digital. Os QR Codes são códigos de barras bidimensionais que são decodificados através do aplicativo de leitura disponível nos telefones celulares. Ou seja, ao apontar a câmera do celular para o QR Code das lápides você é direcionado ao seu conteúdo em um navegador web. No caso dos QR Codes das lápides, você é direcionado a um perfil memorial daquele que está enterrado sob a lápide. Nesse perfil é possível acessar a biografia do falecido assim como suas fotografias, artigos de obituário, informações genealógicas, link para as redes sociais. O uso de QR Codes memoriais começou nos cemitérios da Europa e se popularizou rapidamente nos Estados Unidos e no Japão. No Brasil, ainda trata-se de uma ideia recente mas que já está sendo aplicada aos poucos pelos cemitérios. Na maior parte desses, os QR Codes ainda estão restritos apenas às figuras relevantes para a cidade ou pro país, é o caso do Cemitério da Consolação, em São Paulo.

Figura 35 - Fotografia do túmulo do Monteiro Lobato com QR Code



Fonte: Da autora.

Para além, existem também as contas memoriais nas redes sociais que são transformadas em memorial após o falecimento do dono da conta. Essas não dizem respeito diretamente a um estrutura do cemitério pois não estão interligadas a eles mas o propósito pelo qual existem são similares, visto que ambos registram a memória dos falecidos.

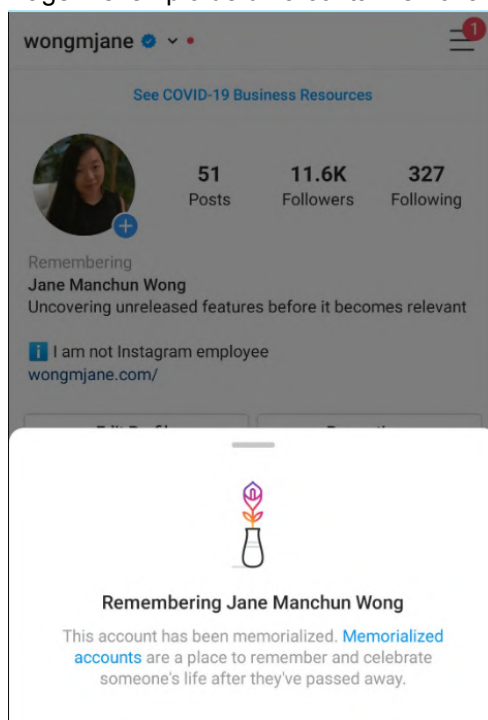
Figura 36 - Imagem exemplo de uma conta memorial do Facebook



Fonte: Facebook. Disponível em:

<https://www.gazetadopovo.com.br/vida-e-cidadania/o-que-fazer-com-redes-sociais-de-pessoas-mortas-projeto-de-lei-propoe-solucao/>. Acesso em: 11 dez. 2022.

Figura 37 - Imagem exemplo de uma conta memorial do Instagram



Fonte: Jane Manchun Wong. Disponível em:

<https://www.tecmundo.com.br/redes-sociais/152376-instagram-criara-memorial-perfil-usuarios-mortos.htm>. Acesso em: 11 dez. 2022.

Essas novas ferramentas deslocam as estruturas dos rituais fúnebres como conhecemos. Sendo assim, o ser humano entra numa dinâmica até então desconhecida. Alguns artistas digitais já começam a idealizar, a partir de suas criações, os desdobramentos desses rituais dentro do ciberespaço. Esse é o caso do Gabriel Massan, artista brasileiro, que desenvolveu um ensaio chamado “Do Not

Say Goodbye To Earth” com algumas obras que fazem o exercício de repensar os funerais de seus entes queridos digitalmente através de modelagens 3Ds. Massan contextualiza seu ensaio da seguinte forma:

A desigualdade e a violência se estruturam em todos os âmbitos da passagem entre corpos dissidentes e periféricos no “Terceiro Mundo”. A morte, como fim físico da existência de um ser vivo, também é consagrada como um período da vida. A desigualdade e a violência perpetuam-se no momento da morte e na sua cerimônia. É necessária uma nova chance para o anseio de se desvencilhar do trauma. Exercícios de homenagem são apresentados através de simulações de reconstruções fúnebres, agora descoladas dos limites da morte inferior. Ensaio sobre a despedida carnal de uma avó, uma prima e uma amiga⁶. (MASSAN, 2022, tradução nossa)

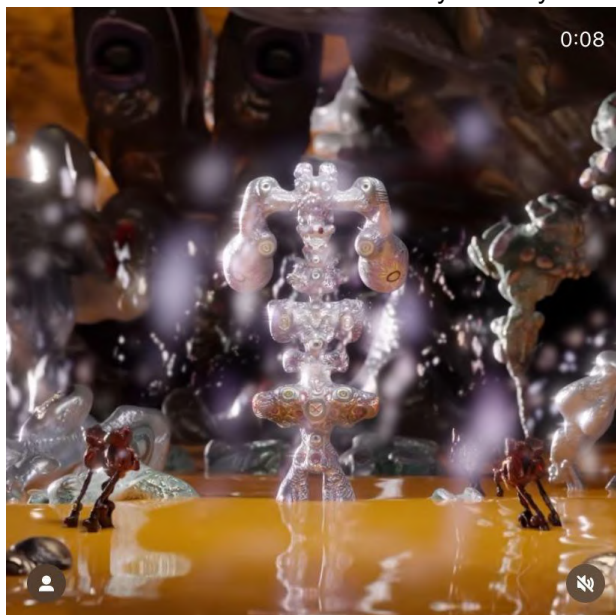
Figura 38 - Print do ensaio 3D “Do Not Say Goodbye To Earth”



Fonte: Instagram. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CmCWbLfoDYF/>. Acesso em: 15 dez 2022.

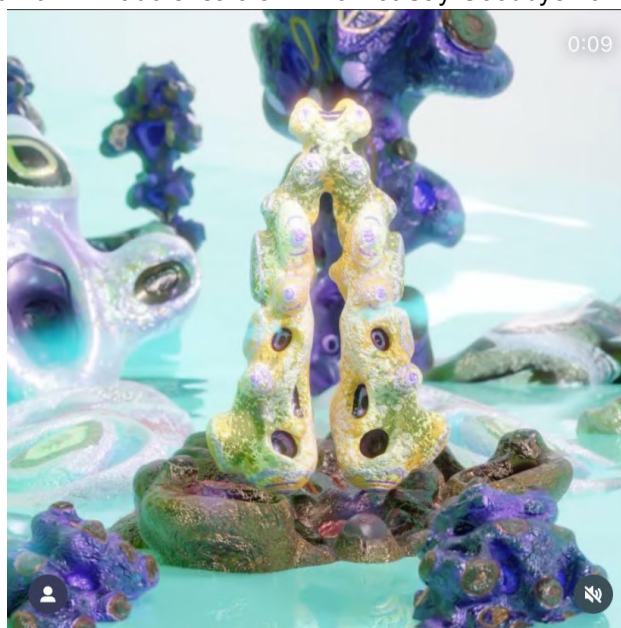
⁶ Citação original do autor: “Inequality and violence are structured in all ambits of the passage between dissident and peripheral bodies in the “Third World”. Death, as the physical end of the existence of a living being, is also consecrated as a period in life. Inequality and violence are perpetuated in the moment of death and its ceremony. A new chance for longing to detach itself from the trauma is needful. Homage exercises are presented through simulations of funeral reconstructions, now detached from the limits of inferior death. Essay about the carnal farewell of a grandmother, a cousin and a friend”.

Figura 39 - Print do ensaio 3D “Do Not Say Goodbye To Earth” II



Fonte: Instagram. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CmJhZ14NihY/>. Acesso em: 15 dez 2022.

Figura 40 - Print do ensaio 3D “Do Not Say Goodbye To Earth” III



Fonte: Instagram. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CmFcd6ht2dz/>. Acesso em: 15 dez 2022.

Outro artista digital que também levanta essas questões nas suas obras é o Higor Casagrande, porém com uma abordagem diferente. Invés de criar novos formatos para os rituais, ele recria os cemitérios horizontais em suas versões digitais.

Figura 41 - Print da obra 3D de Higor Casagrande

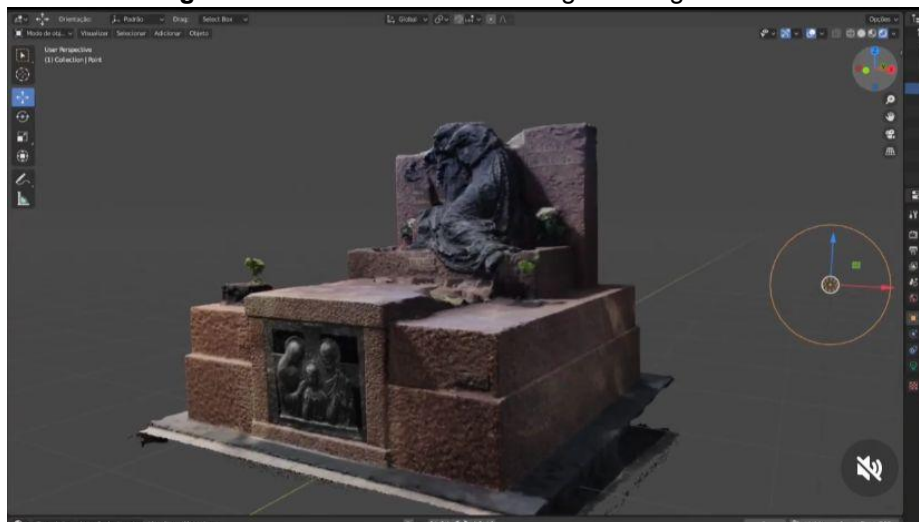


Fonte: Instagram. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CMaKQynh9wb/>. Acesso em: 15 dez 2022.

Figura 42 - Print da obra 3D de Higor Casagrande II



Fonte: Instagram. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CM7HXHOBhug/>. Acesso em: 15 dez 2022.

Figura 43 - Print da obra 3D de Higor Casagrande III

Fonte: Instagram. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CTKNVoJgfDL/>. Acesso em: 15 dez 2022.

A reformulação dos espaços em que esses rituais acontecem é algo histórico, é importante lembrar que nem sempre foram os cemitérios esse meio de comunicação. Como visto no começo desse estudo, na pré história existiam as cavernas, depois vieram as catacumbas, as pirâmides e só na europa com o cristianismo que os cemitérios como conhecemos passaram a existir. Todas essas estruturas foram elaboradas pelo ser humano para desenvolver os seus rituais e, em dado momento, são substituídas, renovadas ou evoluídas. Talvez estejamos frente a esse momento, o de reformular o espaço dos cemitérios transformando em outra coisa ou em outro espaço. Mas nada se pode afirmar sobre.

4.2.2. Efeitos e reflexões

A inserção desses rituais dentro do ciberespaço impacta diretamente os processos citados no decorrer desse estudo - a construção da memória coletiva, o desenvolvimento da ancestralidade, a elaboração do luto.

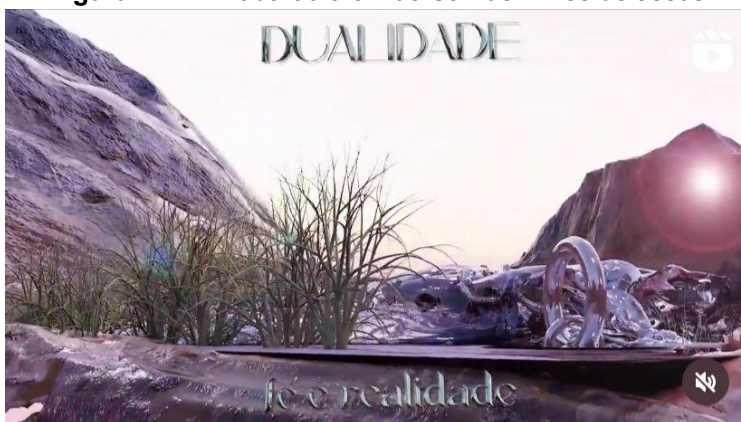
Os processos de construção da memória coletiva e da ancestralidade podem ser fortalecidos. Pois, a partir dessa nova dinâmica, é possível registrar e preservar as memórias de forma mais concreta e perpétua. Mas por outro lado, se perde a rica influência do próprio cemitério. Aliás, não só se perde como o insere dentro de uma influência de caráter completamente oposta. Visto que o impulso de todas as trocas dentro do cemitério se baseiam em um processo de encerramento e de possibilidade de esquecimento. Enquanto que na internet tudo se conecta e permanece.

Deve-se considerar, também, que é por conta do processo de encerramento que o cemitério auxilia na elaboração do luto. Como vai se dar a elaboração do luto dentro disso? Um processo psicológico que é pautado sob a perda, ou fim de algo, dentro de um contexto em que nada tem fim e tudo se perdura. Se perdura de uma forma que tudo é conectado. Como se elabora a perda de alguém dentro de uma dinâmica que teoricamente você não a perde? Você perde o corpo físico mas a ideia e o conceito daquela pessoa que se formou dentro das redes de dados, segue viva. Se pensarmos que hoje temos uma extensão do nosso próprio corpo dentro desse mundo digital, uma outra versão nossa se cria dentro desse espaço. Então como se lida quando se perde a presença física dessa pessoa mas não se perde essa extensão que se criou do mesmo? Como se elabora um processo tão delicado desses? Essa mudança também terá desdobramentos psicólogos.

Para além desses três processos, essa nova dinâmica também impacta a forma que o ser humano encara tanto a vida quanto a morte. Uma estrutura que se eterniza também torna questionável o próprio fim da existência humana. Samuel Alves de Jesus, artista digital brasileiro, conceitualiza seus trabalhos exatamente na relação entre matéria natural e sintética no contexto da especulação sobre o que é a vida e o futuro, e conseqüentemente, a morte. Sua obra "Primeiro Toque"

É um manifesto de adoração e investigação sobre o que é considerado vida e o que é viver. Um abraço a todo e qualquer medo sobre a morte e ansiedade sobre esperar o fim. A espacialidade dessa obra representa uma mutação sobre todos os instintos de continuar existindo e buscar uma forma de burlar o padrão de existência. A modificação da consciência do que se espera que seja lúcido e irreal. Por fim, o Primeiro Toque foi criado para me acolher do mundo, na vida e me preparar para existir após ela não existir mais. (JESUS, 2022)

Figura 44 - Print da obra 3D de Samuel Alves de Jesus



Fonte: Instagram. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CeMP4OpAzbV/>. Acesso em: 15 dez 2022.

A partir da descrição que Alves de Jesus faz da sua obra nota-se uma tentativa de burlar sua própria morte ao pontuar a ideia de existir mesmo após a vida não existir mais. Afinal, se a extensão digital dos nossos entes queridos permanece, a nossa própria existência também permanece.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Reconhecer os cemitérios como um meio de comunicação, dentro dos processos comunicativos dos rituais fúnebres, permite enxergá-los como espaços valiosos para o ser humano em níveis culturais, históricos e psicológicos. Porém, com a expansão dos rituais fúnebres para o ciberespaço, classificá-lo dessa forma pode tornar-se obsoleto, na medida que o cemitério não é mais capaz de assumir sozinho o papel de meio de comunicação dos rituais fúnebres.

Não é possível, ainda, dizer qual será este, ou estes, novos meios de comunicação dos rituais fúnebres pois suas estruturas ainda estão em desenvolvimento. Apesar disso, sabe-se que esses serão fruto das dinâmicas da internet, ou seja, da hiperconexão, da permanência e da possibilidade da eternidade. Dinâmicas completamente opostas às do cemitério e também opostas à dos próprios rituais que são pautados no fim - da vida, de um ciclo.

Essa inversão altera diretamente as mensagens transmitidas ao longo desta comunicação, visto que o meio influencia a mensagem. Se os meios são outros, as mensagens também são outras. Sendo assim, se antes a principal mensagem comunicada pelo cemitério era a constatação do fim, com essa inversão, a própria noção do fim é colocada em questão.

Diante disso, as consolidações da memória coletiva, da ancestralidade e da elaboração do luto observadas neste estudo também não se desdobrarão da mesma forma. A memória coletiva e a ancestralidade podem até se fortalecer, mas perderão tanto a influência das estruturas do cemitério quanto a conexão única e imersiva que o mesmo proporciona. Os efeitos dessa mudança podem demorar a ser percebidos, porém cabe à nós, pesquisadores, continuarmos investigando para entendê-los. Possivelmente a elaboração do luto terá seus efeitos mais perceptíveis e acentuados, pois para ocorrer necessita da constatação do fim. Sem isso a dor do luto se perdura de forma tortuosa para aqueles que a sentem sem perspectiva de elaboração.

Apesar dos apontamentos, não se assume que a internet eliminará os cemitérios por completo e para sempre, o que se assume é a extinção da influência advinda unicamente dos cemitérios. Como resultado, o processo comunicativo dos rituais fúnebres, como um todo, é modificado perante uma inversão de valores que ao nos fazer questionar o fim, nos faz questionar o nosso medo inerente, a morte.

Os efeitos perante processos tão delicados são muitos. Não é possível, ainda, tecer um julgamento de valor perante a conexão dos rituais fúnebres e dos cemitérios à Internet de Todas as Coisas pois não sabemos qual será o resultado do impacto histórico, cultural e psicológico disso. No momento nos cabe notar, estudar, colher dados e sermos observadores de esta reformulação que a internet está proporcionando a todos meios de comunicação, seja interferindo, anulando, contribuindo ou apenas transcendendo informação a novas gerações.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARAÚJO, Carlos Alberto Ávila. **Sobre os conteúdos das mensagens na comunicação**. ALCEU, [S. l.], v. 7, n. 14, p. 5-16, 23 maio 2007.
- ARGOLLO, D. **Surgimento da Mediunidade e sua influência na história**. Presença Espírita, [S. l.], 31 jan. 1986.
- BORBA, Clara Maria de Medeiros. **"Lembre de mim": uma análise sobre a memória e o esquecimento no filme "Viva, a vida é uma festa"**. 2021. 20 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) - Centro de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2021.
- BOTELHO, Daira Martins; DARCIE, Marina; GOBBI, Maria Cristina. **Día de los Muertos no México: Uma análise folkcomunicacional**. RIF, [S. l.], v. 17, n. 38, p. 200-216, 11 jun. 2019.
- CENATTI, M. J. **Homem: Ser de Transcendência**. São Paulo, Brasil: [s. n.], 2013.
- FOUCAULT, Michel. **O corpo utópico, as heterotopias**. Posfácio de Daniel Defert. São Paulo: Edições n-1, 2013.
- FREIRE, Milena Carvalho Bezerra. **O Som do Silêncio: a angústia social que encobre o luto** -: Um estudo sobre isolamento e sociabilidade entre enlutados do cemitério Morada da Paz (Natal/RN). 2005. Trabalho de conclusão de curso (Programa de Pós Graduação em Ciências Sociais) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, [S. l.], 2005.
- GARCIA, Bruna. **Memória e história: uma discussão teórica**. Maringá: CIH, 2017.
- HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. São Paulo, Centauro, 2004.
- HEIDEGGER, M. **Unterwegs zur Sprache**. Frankfurt am Main: Vittorio Klostermann, 1985. [Gesamtausgabe 12].
- HOHLFELDT, A.; MARTINO, L. C.; FRANÇA, V. V. (org.). **Teorias da Comunicação: conceitos, escolas e tendências**. Petrópolis: Vozes, 2007, p. 131-150.
- IOE.ORG. **Internet of Everything (IoE)**. [S. l.], 3 nov. 2022. Disponível em: <https://ioe.org/>. Acesso em: 11 dez. 2022.
- JESUS, Samuel Alves de. **Primeiro Toque**. [S. l.], 30 maio 2022. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CeMP4OpAzvV/>. Acesso em: 12 dez. 2022.
- KOVÁCS, M. J. (coord.). **Morte e Desenvolvimento Humano**. 1. ed. São Paulo, Brasil: Casa do Psicólogo Livraria e Editora Ltda., 1992. 243 p. v. 1.
- MASSAN, Gabriel. **Do Not Say Goodbye To Earth**. [S. l.], 11 dez. 2022. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CmCWbLfoDYF/>. Acesso em: 12 dez. 2022.

MUMFORD, L. **A Cidade na História: suas origens, transformações e perspectivas**. Trad. Neil R. da Silva. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

OLIVEIRA, Eduardo David de. **FILOSOFIA DA ANCESTRALIDADE: Corpo e Mito na Filosofia da Educação Brasileira**. 2005. Trabalho de conclusão de curso (Doutor em Educação no Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira) - Universidade Federal do Ceará, [S. l.], 2005.

OSMAN, S. A.; RIBEIRO, O. C. F. **Arte, história, turismo e lazer nos cemitérios da cidade de São Paulo**. Licere, [S. l.], p. 1-15, 1 abr. 2007.

O'SULLIVAN, T. et al (orgs). **Conceitos-chave em estudos de comunicação e cultura**. Piracicaba: Ed. Unimep, 2001.

PROVENZA, Lucas. **A internet das coisas e a TAR: onde está o homem?**. Revista Temática, [S. l.], p. 1-15, 3 nov. 2022.

PROVENZA, Lucas. **Lucas Provenza: cemitérios e o acolhimento do luto**. [S. l.], 3 nov. 2022. Disponível em:
<https://exame.com/bussola/lucas-provenza-cemiterios-e-o-acolhimento-do-luto/>.
Acesso em: 13 dez. 2022.

RABAÇA, Carlos Alberto; BARBOSA, Gustavo Guimarães. **Dicionário de comunicação**. Rio de Janeiro: Campus, 2002.

RODRIGUES, José Carlos. **Tabu da Morte**. Rio de Janeiro: Achiamé. 1983.

SANDERS, C. (1999). **Grief. The Mourning After: Dealing with Adult Bereavement** (2 nd ed.). New York: Jonh Wiley & Sons, Inc..